



TAUANI FERNANDA SCHEIBNER

ABUSO INFANTIL:
O papel da igreja na luta contra o abuso

IJUÍ/RS
2021

TAUANI FERNANDA SCHEIBNER

ABUSO INFANTIL:
O PAPEL DA IGREJA NA LUTA CONTRA O ABUSO

TCC apresentado para cumprir as exigências da disciplina de TCC II do Curso de Bacharelado em Teologia, orientado pelo professor Vanderlei Schach ministrada pela Dra. Marivete Zanoni Kunz.

FACULDADE BATISTA PIONEIRA
IJUÍ - RS

2021
FACULDADE BATISTA PIONEIRA

ABUSO INFANTIL:

Papel da igreja na luta contra o abuso.

Autor: **Tauani Fernanda Scheibner**

Orientador de Conteúdo: **Dra. Marivete Zanoni Kunz**

Avaliador de Forma: **Dr. Josemar Valdir Modes**

Avaliador de Português: **Dra. Juliana Scheibner
Dellafavera**

Avaliador Final: **Ricardo Lebedenco**

Média Final

Aprovada em: __ / __ / __

IJUÍ
2021

AGRADECIMENTOS

A Deus por me confiar parte do seu plano perfeito, me sustentando em Sua graça mesmo sendo a pior das pecadoras. Nunca saberei o quanto devo ser grata por todas as coisas que fizeste por mim, a começar por me tornar salva em Cristo Jesus.

Aos pais, Márcio e Ivete pelo sustento e amor. Vocês são os melhores pais que alguém poderia ter! Nunca me esquecerei do quanto renunciaram a seus sonhos pelos meus.

Ao meu irmão Djeisson Scheibner que foi grandemente usado por Deus nesse período, me dando tamanho apoio que jamais conseguirei agradecer, honro e louvo a Deus pela sua vida.

À minha querida Igreja Batista de Nova Santa Rosa, por todas as orações e cuidado pela minha vida nesses 4 anos. Serei eternamente grata por todo amor e ensinamento recebido.

Ao orientador Vanderlei Schach por seu ensinamento e clareza durante o tempo de pesquisa, que Deus abençoe você e a sua família sempre.

A família Sadovik, Iuri e Esther, que são resposta de oração para esse tempo do seminário. Vocês me motivaram a chegar até aqui, sendo minha família do coração, que Deus abençoe sempre vocês.

Aos professores da Faculdade Batista Pioneira, pelo conhecimento passado através de suas vidas. Que Deus honre os seus dons de ensino para a Sua Glória.

SUMÁRIO

RESUMO	6
INTRODUÇÃO	7
I – O PERFIL DA VÍTIMA ABUSADA	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
1.1 Amarca do trauma	10
1.2 Dilemas relacionais.....	16
II – O ABUSO	18
2.1 Conseito de abuso.....	18
2.2 Tipos de abuso	20
2.2.1 Abuso sexual.....	20
2.2.2 Abuso verbal.....	21
2.2.3 Abuso visual	21
2.2.4 Abuso fisico.....	21
2.2.5 A violência psicológica	22
2.2.6 A violência física	26
2.2.7 A violência intrafamiliar.....	27
2.2.8 A violência extrafamiliar	28
III – CONSEQUÊNCIA DO ABUSO.....	29
3.1 Perda De identidade.....	29
3.2 Violência e sexualidade duvidosa.....	30
3.3 Traumas	33
IV – ACONSELHAMENTO DAS VÍTIMAS	37
4.1 Auxilio espiritual	37
4.1.1 Como identificar	37
4.1.2 Formas de proteção.....	40
4.2 Formas de aconselhamento	40
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS	46

RESUMO

As vítimas, que em sua maioria trazem diversas marcas em decorrência do abuso sexual, necessitam do acolhimento correto e uma Igreja capacitada para fazê-lo. O objetivo do presente trabalho é despertar nos leitores, principalmente cristãos, interesse em combater o abuso sexual e lidar com aqueles que já foram afetados por ele. O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, cujos livros e artigos são de autores cristãos e especialistas no assunto. Constatou-se que os casos de abuso sexual são mais frequentes do que as estatísticas podem mostrar. Neste sentido, há um grande trabalho para a Igreja no que diz respeito a este tema e ainda que seja um assunto complexo de ser lidado, é possível para a Igreja tornar-se relevante para a sociedade, lidando com aqueles que foram afetados pelo abuso. A Igreja pode e deve participar da restauração das vítimas de abuso sexual.

Palavras chaves: Abuso- criança-

INTRODUÇÃO

Certamente há uma grande carência por parte da Igreja em compreender o Evangelho como um instrumento poderoso e ao mesmo tempo simples, que é capaz de restaurar a vida de cada indivíduo marcado pelo pecado. Existe uma urgência em utilizar a Palavra de Deus como uma mensagem contemporânea, sem perder a sua essência, atingindo os problemas atuais que a sociedade enfrenta. A importância e o papel da Igreja na restauração de vítimas de abuso sexual é o tema abordado neste trabalho. A escolha do tema deve-se pela relevância do assunto na sociedade atual. O abuso sexual é uma prática perversa e um assunto muito antigo que em muitos lugares ainda permanece como um tabu.

Seus efeitos são totalmente prejudiciais tanto para quem sofreu quanto para quem o praticou. A Igreja, como instituição social, não só pode como deve fazer algo pelas vítimas. Em muitos casos é extremamente necessário o trabalho do profissional de psicologia. Este estudo não tem como objetivo excluí-los dessa função, porém se limitará a abordar em como a Igreja pode lidar com a demanda do assunto com as crianças, de 0 a 12 anos.

É muito comum encontrar vítimas de abuso sexual por todos os lugares, inclusive dentro das Igrejas. Na grande maioria das vezes, principalmente quando se trata de crianças, elas não possuem voz ativa e muito menos alguém que fale por elas, seja pedindo ajuda ou denunciando o agressor. Acredita-se que é extremamente necessária a ajuda de pessoas que lutem por esta causa, combatendo firmemente a violência sexual. Na convivência com um grupo formado por adolescentes que frequentam uma igreja evangélica, observou-se que grande parte deles sofreu abuso sexual. O acolhimento adequado a essas vítimas contribuiu para o processo de cura dos traumas em relação à violência que sofreram. Esta é a justificativa pessoal desta acadêmica para a escolha deste tema.

O Segundo capítulo irá abordar os tipos de abuso existentes, assim como os traumas que o mesmo pode causar, seguindo pelas consequências do abuso como: perda de identidade e a sexualidade, finalizando com o papel da igreja em defesa da criança. A falta de conhecimento sobre o assunto pode resultar em vítimas que necessitam de ajuda, mas não encontram acompanhamento adequado dentro das Igrejas e por esse motivo, não alcançam a cura e restauração das suas emoções e de um profundo relacionamento com Deus.

O objetivo do presente trabalho é despertar nos leitores o interesse pelo tema e provocar atitudes positivas com relação ao combate do abuso sexual, bem como a ajuda àqueles

que estão em situação de violência sexual ou já foram afetados por ela, a continuarem suas vidas sem o pesar das consequências causadas. Para combater o abuso sexual é necessário primeiro reconhecer que ele existe e tem devastado a vida de muitas pessoas. Uma Igreja bem preparada para prevenir o abuso e restaurar pessoas emocionalmente e espiritualmente pode contribuir muito para uma sociedade mais saudável

I – O PERFIL DA VÍTIMA ABUSADA

Neste capítulo será descrito o perfil da criança abusada sob dois tópicos: “A marca do trauma” e “Dilemas relacionais”.

1.1 A marca do trauma

Por trauma entende-se a ferida que acontece mediante algum acontecimento de profunda dificuldade, quando a ferida não é tratada ou automaticamente curada, transforma-se em trauma.

O abuso sexual ocorre quando uma criança ou um adolescente é usado para a gratificação sexual de pessoas mais velhas, sendo a diferença de idade usada como forma de poder. Mas também pode acontecer entre pessoas da mesma idade. Nesse caso o abusador pode usar outras formas de poder para intimidar, como: “não serei mais seu amigo” ou “se você contar, vou parar na cadeia”. O abuso pode acontecer dentro ou fora de casa, mas não envolve valores financeiros. A exploração é um comércio praticado por redes criminosas e envolve dinheiro. Este aspecto é igualmente prejudicial às crianças. A erotização está presente em todos os lugares. Estabelecimentos comerciais, propagandas na mídia, até mesmo em programas ou desenhos infantis. Deve-se tomar muito cuidado com o apelo midiático.¹

Considerando que as crianças e os adolescentes ainda não são emocionalmente independentes e / ou totalmente maduros para obter o consentimento informado, essa experiência pode interferir no seu desenvolvimento, o que nos leva a crer que a sua participação é obtida por meio de coerção física ou psicológica. Isso viola regras sociais e papéis familiares. As consequências da violência sexual são diversas e dependem principalmente dos seguintes aspectos: a idade do agressor e do agredido, o tipo de relação entre o agressor e o agredido, a personalidade da vítima, a duração e o nível da agressão, tipo e severidade de comportamento e resposta ambiental² O procurador da República Guilherme Schelb, afirma que “a criança não distingue entre o que é informado, sugerido ou ordenado.”³ Diante dessa vulnerabilidade psicológica da criança, a Constituição brasileira e o Estatuto da Criança e do Adolescente preconiza que: “exercer a classificação, para efeito indicativo, de diversões públicas e de programas de rádio e televisão.”⁴ Conforme o ECA: Transmitir, através de rádio ou televisão,

¹ SCHACH, Vanderlei Alberto. **Infância em perigo**: um caso real inspira a busca por soluções. São Paulo: Rádio Transmundial, 2016. p. 135.

² SCHACH, 2016. p. 135.

³ SCHELB, Guilherme Zanina. **Educação sexual para crianças**: limites e desafios. Brasília: 2015, p. 23

⁴ Constituição Federal: art. 21, inciso XVI.

espetáculo em horário diverso do autorizado ou sem aviso de sua classificação”⁵. Pode-se observar que a legislação brasileira reconhece a fragilidade e vulnerabilidade da criança.

Estudos apontam que 60 a 80% das vítimas de violência sexual apresentam algum distúrbio em curto prazo, nos dois primeiros anos após o abuso. Entre os efeitos encontram-se alterações nas esferas física, psicológica e social, tais como: distúrbios do sono, medo e dificuldades escolares⁶

No longo prazo, existem: fobias, pânico, personalidade antissocial, depressão com ideação suicida, tentativa de suicídio ou suicídio, isolamento, sentimento de estigma, ansiedade, dificuldades alimentares, tensão, dificuldades sexuais, distúrbios, abuso de drogas e álcool e violência. Um dos aspectos mais surpreendentes da pesquisa de abuso sexual infantil é que, na maioria dos casos, o agressor é alguém que a criança conhece, ou mesmo um membro da família. A família abusiva pode promover consequências muito danosas à infância e esse padrão abusivo de interação pode ser verificado ao longo da história como um fenômeno social que sempre existiu, no entanto, pouco estudado.⁷

Na maioria dos casos, nas famílias que as crianças são abusadas sexualmente, o agressor usa de violência contra a vítima, fazendo com que ela adote uma postura submissa e depois sinta medo, exacerbado assim o baixo desempenho dos papéis sociais. Compreender a violência dentro da família significa a compreensão psicossocial histórica de indivíduos e famílias. Em outras palavras, como ocorre a interação entre pai, mãe, filho e a forma de relacionamento familiar interpessoal. Portanto, aponta-se para a importância de estudar a família, voltando-se para o nível psicológico e buscando uma compreensão emocional da estrutura familiar. Deve-se entender também que o abuso sexual infantil é um fenômeno complexo e difícil de resolver, que envolve a proteção das crianças, a punição dos agressores e o tratamento da saúde física e mental. Como todos sabemos, independentemente do nível de educação, conhecimento e condições culturais, as vítimas geralmente são pessoas muito próximas das crianças, em uma classe social em posição vantajosa e desfavorecida. Esses aspectos impossibilitam a construção de um perfil único do agressor. Porém, se por um lado não há desvio óbvio da vítima, por outro lado, há outro aspecto óbvio que é incapaz de cuidar e perceber as necessidades dos filhos.⁸

⁵ Estatuto da Criança e do Adolescente. Art. 254.

⁶ ROMERO, **Karen Richter**- Vítimas de abuso sexual. São Paulo: Evangélica, 2015, p. 14

⁸ROMERO, **Karen Richter**- Vítimas de abuso sexual. São Paulo: Evangélica, 2015, p.14

“Abuso sexual infantil refere-se a uma atividade sexual com a criança, que é definido pelo Art. 2º do ECA, “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos”, onde tal ato não ocorre apenas por contato físico, e nenhum vulnerável tem a capacidade de consentir qualquer tipo de atividade sexual, pois a mesma ainda se encontra em formação. O delinquente que comete qualquer atividade de cunho sexual infantil está cometendo um crime, que pode deixar graves sequelas no menor impúbere, podendo trazer transtornos emocionais e psicológicos na vida Física: pesadelos e problemas com o sono, mudanças de hábitos alimentares, perda do controle de esfíncteres.”⁹

Se uma criança não tiver o tratamento adequado e necessário para um caso de abuso sexual, além de uma resposta imediata, podem ocorrer graves consequências na idade adulta. Pode desenvolver problemas amorosos e sexuais, que afetarão seu trabalho diário e causarão seus problemas e a exclusão social. Existem consequências da vivência que permanecem as consequências da experiência existem por muito tempo e podem até piorar com o tempo. Por exemplo:

- Físicas: dores crônicas gerais, hipocondria ou transtornos psicossomáticos, alterações do sono e pesadelos constantes, problemas gastrointestinais, desordem alimentar.
- Comportamentais: tentativa de suicídio, consumo de drogas e álcool, transtorno de identidade.
- Emocionais: depressão, ansiedade, baixa auto-estima, dificuldade para expressar sentimentos.
- Sexuais: fobias sexuais, disfunções sexuais, falta de satisfação ou incapacidade para o orgasmo, alterações da motivação sexual, maior probabilidade de sofrer estupros e de entrar para a prostituição, dificuldade de estabelecer relações sexuais.¹⁰

⁹ **Kornefiel, Débora**- Vítima, sobrevivente e vencedor: apoio prático no caminho da cura. Curitiba: Esperança, 2012, p. 30

¹⁰ KONEFIL, 2012, p. 71

- Sociais: problemas de relação interpessoal, isolamento, dificuldades de vínculo afetivo com os filhos.

Diante do exposto, os pais responsáveis por seus filhos devem ficar atentos aos sintomas que aparecem, pois, a sua atenção é muito importante para detectar o abuso sexual na fase inicial, para que possam receber um tratamento mais eficaz e preveni-los. Conforme o procurador da república Guilherme Schelb.

“crianças não são um adulto pequeno, mas pessoas que devem ser protegidas contra situações abusivas ou degradantes à sua condição de entendimento. Ainda conforme Schelb, mesmo que as crianças possam acumular conhecimento e informações, não têm maturidade plena para compreender e exercer juízo crítico sobre tudo o que aprendem.”¹¹

Para cada caso de abuso sexual infantil, os psicólogos devem observar métodos específicos de tratamento e se faz necessário buscar soluções eficazes para que as crianças possam desenvolver seu desenvolvimento emocional e psicológico de forma que não atrapalhe sua vida adolescente ou adulta.

Existem diferentes intervenções baseadas no abuso da criança e tipo de problema, e esses dados foram obtidos previamente por meio de avaliações. O plano de tratamento deve considerar se é monoterapia, em grupo ou em pares, se for para toda a família, a vítima e / ou o agressor, deve-se selecionar também o local e a duração do tratamento.

Todos devem estar cientes das formas de abuso sexual infantil, pois não há grande divulgação de leis e políticas públicas sobre o assunto. Em muitos casos, o abuso sexual infantil pode ocorrer na família porque eles não sabem o que é. É abuso sexual infantil, e essas pessoas pensam que certos comportamentos são "normais".¹²

Existe grandes práticas criminosas de abusos sexuais contra a criança e adolescente, onde dados de 2015 mostram que mais de 17,5 mil crianças e adolescentes podem ter sido vítimas de violência sexual no Brasil em 2015, quase 50 por dia durante um ano inteiro. As denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes no Disque 100 foram apenas uma parcela das 80.437 registradas em 2015 contra essas faixas etárias. Negligência e violência psicológica são outras violações registradas. As meninas são as maiores vítimas, com 54% dos

¹¹ SCHEL B, 2015, p. 3.

¹² Langberg, Diane Mandt- Abuso sexual: aconselhando vítimas, pg.51

casos denunciados. A faixa etária mais atingida é a de 4 a 11 anos, com 40%. Meninas e meninos negros/pardos somam 57,5% dos atingidos.¹³

A legislação brasileira assegura total apoio no que diz respeito à proteção da criança:

“é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar o menor de idade, com absoluta prioridade, todos os direitos fundamentais para uma boa vivência, além de coloca-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão “, e no parágrafo quarto, cita que” à punição legal de qualquer espécie de abuso, violência e exploração sexual contra criança e o adolescente”.¹⁴

O Estatuto da Criança e do Adolescente é destinado a proteção dos menores, assim procurando com ênfase defender os direitos garantidos pelo Estado, sempre visando proporcionar a criança ou adolescente a ação dos seus direitos fundamentais, onde expõe em seu artigo 5º que: “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”.¹⁵

No ECA também é exposto em seus artigos 240 e 241, que uma criança não poderá ser exposta para a sociedade através dos meios midiáticos com exposições de atos ilícitos, pois é considerado crime: “o ato de produzir ou dirigir representação teatral, televisiva ou película cinematográfica, utilizando-se de criança ou adolescente em cena de sexo explícito ou pornográfica, assim como de fotografar ou publicar cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança e adolescente.”¹⁶

Na maioria das civilizações, a agressão sexual de crianças sempre existiu. No entanto, antes da década de 1950, o sexo era geralmente considerado um tabu e havia muito pouca pesquisa sobre o assunto. No entanto, atualmente, tanto a mídia quanto a academia estão prestando cada vez mais atenção ao abuso sexual infantil. Alguns autores até sugeriram que a frequência real de abuso permaneceu inalterada e parece que a atenção a esse problema está aumentando.¹⁷

¹³ **Ministério Público do Paraná**- Criança e adolescente

¹⁴ **Andrade, Valério**- Âmbito jurídico ao apoio infantil pg. 6

¹⁵ **Andrade, Valério**- Âmbito jurídico ao apoio infantil pg. 7

¹⁶ **Andrade, Valério**- Âmbito jurídico ao apoio infantil pg. 8

¹⁷ **Kornfield, Débora** p. 7

Pode-se dizer que a conscientização dos profissionais sobre o abuso sexual infantil está aumentando e as causas são duplas. O primeiro é o desenvolvimento do movimento pelos direitos das crianças e a segunda fonte é o crescimento da compreensão e da preocupação com a saúde física e mental das crianças. Porém, infelizmente, “desde o correto manejo e tratamento dos casos que ocorrem, desde profissionais de saúde, educadores e advogados até escolas, hospitais e instituições jurídicas, geralmente há um preparo insuficiente”. Embora os pesquisadores estejam cada vez mais prestando atenção ao tópico do abuso sexual infantil, o trabalho nesse campo é fragmentado desorganizado.

O abuso sexual infantil não é apenas uma questão normativa e política, mas também clínica, com importantes aspectos sociológicos e antropológicos. Para profissionais que precisam lidar com as consequências, o abuso sexual infantil é um campo cheio de complexidade e confusão, tanto pessoal quanto profissionalmente, e uma ameaça aos papéis profissionais tradicionais.¹⁸

Outro ponto de destaque é para a rede profissional responsável pela gestão e tratamento das vítimas de abuso sexual e seus familiares deve ser reorganizada. Enfatiza-se que lidar com crianças abusadas sexualmente e suas famílias é basicamente complicado por quatro fatores:

"Como um problema multidisciplinar, requer a estreita cooperação de uma ampla gama de diferentes profissionais com diferentes tarefas. Como um problema legal e terapêutico, requer, por parte de todos os profissionais envolvidos, o conhecimento dos aspectos criminais e de proteção da criança, assim como dos aspectos psicológicos. Envolve as crianças como seres humanos estruturalmente dependentes, que são pessoas com seus próprios direitos, mas que não podem exercer esse direito elas mesmas, precisando de proteção e do cuidado dos pais. A natureza específica do abuso sexual da criança como uma síndrome conectadora de segredo para a criança, a pessoa que cometeu o abuso e a família, e como uma síndrome de adição para a pessoa que cometeu o abuso complica tanto a intervenção legal quanto a intervenção protetora da criança, assim como a própria terapia."

Com base nos fatos acima descritos, conclui-se que a criança deverá estar protegida de pessoas por pessoas de sua confiança, e que a protejam.

¹⁸ **Fitzpatrick, Elyse-** Mulheres ajudando mulheres, um guia bíblico para os principais problemas. Pg.347

1.2 Dilemas relacionais

Devido aos sentimentos de vergonha, ignorância e tolerância da vítima, a maioria dos casos de abuso sexual envolvendo crianças nunca foi exposta. Além disso, alguns profissionais não estão dispostos a admitir e denunciar o abuso sexual. O tribunal segue regras estritas de evidência. Se o fato for descoberto, a família não está disposta a se separar.

O Brasil registrou pelo menos 32 mil casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes em 2018. Essa é a maior taxa de notificação já registrada pelo Ministério da Saúde, equivalente a mais de três casos por hora, quase o dobro do registrado em 2011. O ano em que os profissionais de saúde começam a assumir a responsabilidade de calcular os cuidados. Desde então, o número vem crescendo ano a ano, e já foram 17.730 notificações em todo o país.

Especialistas da área de proteção dos direitos da criança atribuem o aumento aos investimentos no esporte, que abriram canais de denúncia e capacitação de profissionais para a identificação de abusos, mas apontaram também preocupações futuras: Segundo eles, esse recorde não é igual à luta contra tais abusos. Ao longo de 2019, o programa federal foi encerrado e a desconexão entre entidades da sociedade civil e entidades governamentais estava em um momento crítico.

Na perspectiva da psicanálise, a situação de abuso sexual é entendida como trauma. No caso de abuso sexual, a linguagem entre adultos e crianças pode ser distorcida. Trauma é entendido como uma condição excessiva vivenciada por um sujeito que atualmente não consegue liberar essa carga de energia. Em situações em que crianças e adolescentes que foram abusados sexualmente são traumatizados, esta situação está além da capacidade da criança de se compreender e traumatizar dessa forma. Esta é uma relação que se resolve devido à distorção da linguagem adulto / criança.¹⁹

Os adultos sexualizaram seus filhos, mas as pessoas fora do relacionamento familiar atualizarão seu comportamento sexual. Quando ocorre o abuso sexual, essa situação não vai persistir, deixando a criança em uma situação caótica, pois a noção de proibição passa a ser permitida, mas ao mesmo tempo não pode ser compartilhada com outras pessoas, o que é importante. A criança brinca entre proibir / permitir e encobrir as situações. Essa criança está relacionada a uma relação muito íntima e erótica, a partir do processo inicial de sedução, ameaças são constantemente adicionadas para tentar manter o segredo relacionado à relação.

¹⁹ Langberg, Diane- abuso sexual: aconselhando vítimas. Pg.117

De acordo com esta situação o autor, sucessivas rupturas traumáticas, gerando um conjunto de sentimentos confusos e ambivalentes, como medo, temor, vergonha e culpa.²⁰

A experiência que envolve essa dinâmica leva a criança ou adolescente vítima de abuso a uma situação de desamparo. Também enfatiza-se que sexo forçado (como situações de abuso) e medidas punitivas que crianças e adolescentes muitas vezes não podem tolerar mantêm essa situação em segredo e têm um efeito fixo. Dentre esses efeitos punitivos, podemos incluir abusos físicos e ameaças a familiares, que aumentam o medo e o silêncio.

Portanto, deve-se sempre ressaltar que o cuidado com as crianças é muito importante, pois indica que o silêncio não significa que está tudo bem. Com um design cuidadoso, ele pode até mesmo evitar que a situação mude, e também pode evitar tomar um caminho diferente do que o experimentado. A necessidade de manter o estado abusivo silencioso também é entendida como traumática. Como resultado, a incapacidade da vítima de revelar o que aconteceu, juntamente com o medo de que não possam ser compreendidos por adultos próximos, muitas vezes leva ao isolamento, o que aumenta ainda mais a sensação de impotência.²¹

É compreensível o quão complicada é a situação vivida por uma criança ou adolescente vítima, que é marcada pela vivência de uma situação violenta (traumática). Até o momento, essa compreensão do trauma fez com que, para que a criança pudesse explicar detalhadamente a situação, o tratamento deve ser feito, permitindo o cuidado de restabelecer a distorção da relação adulto / criança que foi apontada como traumática. Devido a um mal-entendido, em um relacionamento. Enfatiza a necessidade de integração dos três processos da rede de enfermagem para o enfrentamento do abuso sexual, a saber, responsabilização, proteção e cuidado.

As distorções estabelecidas precisam ser desconstruídas para que a linguagem do amor encontre seu lugar no universo de relacionamento da criança. Essa distorção causou traumas e deixou as crianças com uma série de experiências sexuais, incluindo curiosidade, descoberta e a primeira sensação de sexo. No entanto, é importante frisar que é precisamente porque a estrutura do comportamento sexual é acompanhada por um sentido de situação interior, curiosidade e desejo ingênuo, pois a criança vítima não consegue perceber os seus desejos, o

²⁰ **Kornfield, Débora-** Vítima, sobrevivente e Vencedor.85

²¹ **Dorian Mônica Arpini-** Trauma psíquico e abuso sexual: o olhar de meninas em situação de vulnerabilidade, Curitiba: Esperança p. 10

comportamento acontece e aciona sua repetição. Os benefícios dessa situação (presenças, abraços e contratos) confirmam esses sentimentos, causando distorções e confusão.²²

A criança encontrará facilmente a razão do sentimento interior, e o adulto reativará e aumentará esse sentimento interior, e desenvolverá o segredo para silenciar a criança, tornando-a assim tolerante com sua própria violência. Nesse sentido, o uso da assistência psicoterápica para especificar a situação de abuso (trauma) pode dar à criança ou ao adolescente a oportunidade de reorganizar os lugares perdidos quando os limites da própria organização são ultrapassados.

Ainda há um longo caminho a percorrer na luta contra a violência infantil, especialmente quando envolve abusos. Sem pretender esgotar a contribuição da psicanálise para o tema e sua complexidade inerente, o interesse e o enfoque aqui apresentados são, em primeiro lugar, para enfatizar que o abuso sexual é parte de crianças e / ou adolescentes e pode causar traumas. a é necessária para evitar possíveis simplificações ou mesmo incidentes "triviais".

Conclui-se que o abuso gera diversas dificuldades em suas vítimas e diversos dilemas, pois cada trauma causado gera questões para o restante de sua vida, apresentando lutas constantes.

²² **Maria do Carmo Cintra de Almeida-Prado-** Abuso sexual e traumatismo. Rio De janeiro: Evangélica 2015 psíquico p. 15

II – O ABUSO

Neste capítulo se fará uma breve conceituação sobre abuso sexual infantil, tipos de abuso e tipos de violência que pode ser praticado contra a criança. Pode-se entender o abuso sexual como a prática de forçar, por meio de força física ou emocional, alguém a se envolver sexualmente com o agressor. Um dos grandes problemas notáveis da sociedade é que o ser humano tem dificuldade em tratar deste assunto, grande parte não quer pensar nele ou ler sobre ele, a menos que tenha um motivo compulsório para fazê-lo.

“O abuso é particularmente transformador na vida de crianças pequenas. Elas não se dão conta de que o abuso se torna o evento axial de suas vidas. Elas não têm nenhuma maneira de saber como sua vida teria sido diferente se não tivessem sido violadas.”²³

2.1 Conceito de abuso

Segundo o dicionário Aurélio, abuso infantil significa: “Exploração do corpo e da sexualidade de crianças e adolescentes, efetivada através da força ou de outro meio de coerção, que um adulto usa para envolver crianças e adolescentes em atividades sexuais impróprias”.²⁴

Abuso sexual infantil é todo envolvimento de uma criança em uma atividade sexual na qual não compreende completamente, já que não está preparada em termos de seu desenvolvimento. Não entendendo a situação, a criança, por conseguinte, torna-se incapaz de informar seu consentimento. São também aqueles atos que violam leis ou tabus sociais em uma determinada sociedade. O abuso sexual infantil é evidenciado pela atividade entre uma criança com um adulto ou entre uma criança com outra criança ou adolescente que pela idade ou nível de desenvolvimento está em uma relação de responsabilidade, confiança ou poder com a criança abusada. É qualquer ato que pretende gratificar ou satisfazer as necessidades sexuais de outra pessoa, incluindo indução ou coerção de uma criança para engajar-se em qualquer atividade sexual ilegal. Pode incluir também práticas com caráter de exploração, como uso de crianças em prostituição, o uso de crianças em atividades e materiais pornográficos, assim como quaisquer outras práticas sexuais.²⁵

²³ LANGBERG, Diane M. No limiar da esperança: Abrindo portas para a cura de vítimas de abuso sexual. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002, p.35

²⁴ Dicionário Aurélio

²⁵ MOURA, Andreina. Alguns aspectos sobre o abuso sexual contra a criança, p2.

É necessário estabelecer as diferenças entre abuso e exploração sexual, segundo o autor Vanderlei Schach, abuso sexual pode acontecer dentro ou fora de casa e não envolve dinheiro, em sua maioria em casos intrafamiliar e extrafamiliar, por sua vez, a exploração é um comércio praticado por redes criminosas, que ocorrem a violência nas estradas, turismo sexual, pornografia entre outros.²⁶

Abuso sexual infantil é uma forma de violência contra a criança. Os fatores determinantes do abuso sexual têm implicações diversas. Envolvem questões culturais, e de relacionamento, o que dificulta a notificação e perpetua o silêncio no qual as crianças se veem enredadas. Dizem respeito também as questões de sexualidade, seja na infância ou adolescência, dos pais e de toda a dinâmica familiar. Este não é um fenômeno que esteja restrito a uma determinada classe social, como já se quis acreditar, mas está presente em todas as esferas sociais.

2.2 Tipos de abuso

No abuso o agressor pode atuar de diferentes formas: através da violência física, sexual e até mesmo psicológica. Normalmente faz parte da família ou é responsável pela criança e, normalmente, pessoa conhecida, que tem condições de estabelecer uma relação afetiva com a criança sem despertar a desconfiança dos demais membros da família.

O abuso sexual possui a gama extensa, causando danos ao âmago de uma pessoa, afeta a vida da criança violentada, mas também pode ecoar por toda a vida adulta. O impacto causado não pode simplesmente acabar, mas precisa ser definido e analisado. A seguir, serão descritos brevemente alguns tipos de abuso.²⁷

2.2.1 Abuso sexual

Os humanos cometem diversos atos cruéis contra outros humanos. Um dos mais horríveis e inexprimíveis é o abuso sexual de uma criança. Agir com violência contra uma criança de qualquer modo é praticar uma grande maldade. Por definição uma criança ainda não é formada,

²⁶ SCHACH, Vanderlei Alberto. Infância em perigo: um caso real inspira a busca por soluções. São Paulo: Rádio Transmundial, 2016. p. 136

²⁷ LANGBERG, 2002, p.58

está em desenvolvimento. O abuso sexual de crianças destroça e violenta todos os aspectos do seu ser.²⁸

2.2.2 Abuso verbal

O Abuso sexual também envolve o abuso verbal, uma vez que abrange ameaças sexuais, comentário sexuais sobre o corpo da criança, comentário lascivos ou sugestivos, e discussões impróprias. Por exemplo, um homem ter comentário detalhados sobre as necessidades e preferências sexuais da própria mãe.

“Quando eu tinha medo, eu corria para meu pai para obter segurança. Eu almejava um lugar de abrigo quando eu tinha medo. Ele me colocava no colo e me dizia que tudo ficaria bem. Mas então tudo mudou. Em vez de me abrigar e me proteger do medo, meu pai se aproveitou de minha vulnerabilidade e começou a usar meu corpo para o prazer sexual dele. Busquei ajuda e conforto...e encontrei abuso”.²⁹

2.2.3 Abuso visual

Há também o abuso sexual visual onde se inclui a exposição a pornografia, a qualquer cena sexualmente provocante (quando a criança dorme no quarto dos pais, poderá vir a observar o ato sexual dos pais, fator altamente prejudicial ao desenvolvimento da criança) ou até mesmo no exibicionismo. Este aspecto é igualmente prejudicial às crianças e está presente em diversos meios. Neste sentido, Schach destaca que:

Ao entrar em um posto de combustível, a primeira mercadoria visível à venda são as revistas pornográficas. O segundo tipo de mercadoria abertamente à venda são os preservativos, igualmente associados ao ~~sex~~ sexo, além de inúmeras marcas de cigarros e bebidas alcoólicas.³⁰

Crianças estão expostas a um intenso estímulo à erotização no Brasil. Existe um enorme incentivo à pornografia e a prática sexual precoce por meio de músicas, filmes. Crianças são estimuladas a comportamentos sugeridos abusivamente.³¹ Schelb destaca que:

²⁸ LANGBERG, 2002, p. 51.

²⁹ LANGBERG, 2002, p.34

³⁰ SCHACH, 2016. p. 151

³¹ SCHEL B, Guilherme. **Educação sexual para crianças: limites e desafios**, São Paulo: Revista e ampliada, 2012. p.15

Claire nunca contou a ninguém o que aconteceu quando ela estava crescendo. Ela esperava que, se nunca falasse sobre isso, as lembranças fossem embora. Mas isso não aconteceu. Seu tio Steve trabalhava em casa, então sempre estava por perto para brincar enquanto ela o visitava. Ele pediu-lhe para jogar “um jogo secreto” que envolvia ficar observando pessoas nuas na televisão e deixar Steve tocá-la. O “jogo secreto” a levou a ser estropada por seu tio.³²

2.2.4 Abuso Sexual

O abuso sexual é muito mais amplo que o relacionamento. Inclui qualquer toque que visa excitar sexualmente o abusador. Igualmente pode incluir a exposição do corpo da vítima a outras pessoas. O abuso sexual cobra um preço terrível na vida das vítimas, em termos de vergonha, crítica e negação. Os pecados do agressor continuam a manchar a vida da vítima através da incapacidade de apreciar relacionamentos, intimidade e esperança. A alma da vítima sente-se presa à negação; o coração se sente machucado e solitário. O desejo por algo mais e o prazer naquilo que está disponível ameaçam e amedrontam igualmente a alma; portanto, a pessoa conclui que é melhor viver sem a consciência da paixão, do desejo e da dor.

Esta dor não pode ser reconhecida nem silenciada completamente. O grito silencioso aprofunda o paradoxo de viver sem sentimentos visando manter preservados os caminhos da esperança. A complexa teia de desejos e defesas, de anseios e críticas normalmente fica escondida debaixo de uma fachada exterior de competência que não aparenta estar ferida nem confusa. Esta camada mais externa atua como um meio de controlar tanto o vazio interior e a vergonha, como o risco de envolver-se profundamente num relacionamento.³³

As crianças dependem que adultos lhes contem a verdade. Elas aprendem os nomes das coisas através dos adultos, elas precisam poder confiar nos adultos, que não apenas ajudam as crianças pequenas a nomear coisas intangíveis como bom, certo, errado e amor. O que acontece a um ser humano pequeno, necessitado, dependente, maleável a quem se diz ano após ano que o mal é bom e correto ou que o abuso é amor? Enquanto muitos sofriam abuso sexual ouviam algumas mensagens de adultos em que confiavam:

³² CLINTON, Tim. LANGBERG, Diane. Guia prático para o aconselhamento de mulheres: 40 tópicos, insights espirituais e etapas de ação fáceis de usar. Curitiba: Editora Esperança, 2012, p. 59

³³ ALLENDER, Dan B. Lágrimas secretas: Cura para as vítimas de abuso sexual na infância. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999, p. 109

“Isso é o que todos os papais fazem a suas pequenas meninas”, “Eu tenho de fazer isso por que você é tão má”, “Você é minha filha. Posso fazer tudo o que eu quero. Sou dono de você.” “Não consigo me controlar”.³⁴

2.2.5 A violência psicológica

Ao definir determinadas situações, fazemos uma distinção do que é real ou não. Dar significado a algo permite compreendermos o que está acontecendo. Por conta disso, dar nome retifica e valida a ocorrência, principalmente quando tratamos de assuntos mais delicados. Nesse sentido, a Organização Mundial da Saúde (OMS), definiu **a violência infantil** sob a ótica psicológica. De acordo com o órgão internacional, “a violência emocional ou psicológica inclui a restrição de movimentos, ridículo, ameaças e intimidação, discriminação, rejeição e outras formas não-físicas de tratamento hostil”.

A violência psicológica contra crianças e adolescentes pode provocar danos mais graves do que a agressão física ou o abuso sexual, muitos tem histórico de maus-tratos psicológicos; por sua vez sofreram exclusivamente esse tipo de violência, que abarca, assédio moral por parte do cuidador, imposição de medo extremo, controle coercitivo, insultos graves, humilhações, ameaças, exigência extrema, rejeição e isolamento. É possível constatar que aqueles que passaram por esse tipo de experiência tendiam a sofrer de ansiedade, depressão, baixa autoestima, sintomas de estresse pós-traumático e a apresentar risco de suicídio em maior nível do que os que sofreram violência física ou sexual. Entre os três tipos de agressão, a psicológica foi a mais fortemente associada com transtorno depressivo, distúrbio de ansiedade social e generalizada, dificuldade de formar vínculos afetivos e abuso de substâncias.

Esse tipo de violência provoca danos emocionais tão graves quanto a agressão física e sexual juntas, profissionais dos serviços de proteção podem levar mais tempo para reconhecer a negligência emocional porque ela não deixa marcas visíveis, além de não ser considerada socialmente tão grave, é preciso iniciativas de sensibilização para ajudar a igreja entender os prejuízos psicológicos severos provocados por esse tipo de abuso.³⁵

Quando o abuso ocorre, existe o trauma que leva as vítimas a perderem a capacidade de sentir e entender sem medo. Quando percebem como fracos, desamparados e dependentes estão, há uma tendência de negligência de sentimentos. É importante perceber que vai desligar as

³⁴ LANGBERG, 2002, p.77

³⁵ SANTA, Mônica. **Um problema grave que muitas vezes é ignorado: abuso psicológico**. Rio de Janeiro: Evangélica. 2015

emoções, pode permanecer o sentimento de raiva, no entanto, na maioria das vezes a intensidade emocional associada é tão poderosa que ela subjuga qualquer capacidade normal de suportar sentimentos. O grau de intensidade que eles atingiam era simplesmente intolerável.

Para Langberg:

Pessoas conseguem uma trégua por meio de comportamentos compulsivos como faxinas, exercícios, comer, ou fazer sexo. Um sobrevivente disse: "Tentei escapar da realidade e dos sentimentos de todas as maneiras que eu podia-trabalho, sexo, relacionamentos, drogas, comida."³⁶

Um dos aspectos mais devastadores do abuso psicológico na infância é que esse tipo de violência familiar, na maioria dos casos, ocorre como uma repetição de um padrão do qual os próprios pais também foram vítimas. No entanto, o abuso psicológico na infância não está inteiramente nas mãos dos pais. Por exemplo, há casos como o chamado bullying escolar, nas idades entre os 8 e os 12 anos, nos quais as crianças relatam sofrer assédio por parte dos seus colegas, tais como a ridicularização e a rejeição.³⁷

A violência infantil produz diversos reflexos na criança. Uma agressão gera consequências. Quando tratamos do abuso psicológico, a mente é a mais afetada. Diversas áreas do desenvolvimento sofrem com essas ações.

A pessoa também pode apresentar sintomas característicos da depressão como vontade de chorar, anedonia (perda da capacidade de sentir prazer ou de se divertir), além de ansiedade, medo e desinteresse por tudo. Esse conjunto de sensações faz com que a vida perca o brilho. "Há um empobrecimento das vivências que correspondem a suas habilidades e capacidades, diminuindo o seu potencial vital. Sentimentos ou pensamentos de desvalia e de desamor, sem empatia, sem ressonância amorosa".³⁸ O estresse e a ansiedade que a vítima sente são tão fortes que a fazem viver num estado de alerta permanente, gerado pelo medo de contrariar ou decepcionar o abusador. "

Precisamente porque interfere na trajetória de desenvolvimento de uma criança, os maus-tratos psicológicos têm sido associados a distúrbios de apego, problemas de desenvolvimento e educação, problemas de socialização e comportamento perturbador.

³⁶ LANGBERG, 2002, p.77

³⁷ SANTA, Mônica, 2015 p..27

³⁸ LAASER, Mark R. **Curando as feridas do vício sexual**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2013

Nem sempre quem cresceu em um ambiente emocionalmente abusivo reconhece o abuso que sofreu como tal. Nem o seu próprio comportamento como abusivo. Pode também confundir controle com cuidado, e a atitude dominadora ou invasiva, como adequada e necessária, e também, e pior, como sinal de afeto. O abuso emocional funciona como uma “lavagem cerebral” e a vítima aprende que tudo o que faz é errado, tudo é sua culpa, não sabe nem pode nada.

O abuso emocional é a forma mais comum de abuso infantil, e pode continuar durante a vida adulta, tornando-se um círculo vicioso pela repetição de padrão, e pelo fato da pessoa se tratar da mesma forma como foi tratada. O sentimento de abandono também pode ser gerado pela perda causada pela morte ou separação. O que é verdadeiramente nocivo é a persistência, o padrão de repetição do abuso.³⁹

A criança que sofre abuso emocional acredita que é a única responsável pelo abuso de que é vítima. A tecnologia moderna tem levado a novas formas de abuso, por mensagens de texto: cyber-bullying.

Adultos que sofreram abuso infantil quando criança tendem a ter uma compulsão à repetição, que é o mecanismo que o inconsciente tende a buscar situações que possibilite reviver situações que foram geradoras de conflito e sofrimento psíquico.

Se lembrarmos que por volta dos 3 anos de idade, o cérebro da criança chegou a quase 90% do seu tamanho adulto, podemos imaginar o estrago causado por qualquer tipo de abuso, principalmente até essa idade. Os mau tratos podem ser de maneira variadas, como:

Negligência física: inclui a não prestação de cuidados médicos básicos, a falta de alimentação adequada, má higiene e uso de vestuário impróprio ao clima ou em mau estado e as situações em que é abandonada ou deixada sem vigilância por períodos longos.

Negligência emocional: quando as necessidades emocionais da criança são ignoradas, com privação do afeto e suporte emocional necessários ao seu desenvolvimento pleno e harmonioso.

³⁹ GONÇALVES, Alexandre. O papel da Igreja na prevenção da violência contra crianças e adolescentes. 2011. Disponível em <https://teologizar.wordpress.com/2011/08/02/o-papel-da-igreja-na-prevencao-da-violencia-contra-criancas-e-adolescentes/>

2.2.6 Violência Física

Segundo o dicionário Aurélio violência significa “Qualidade ou caráter de violento, do que age com força, ímpeto. Ação violenta, agressiva, que faz uso da força bruta.”

tragicamente algo que se faz recorrente não só na fase adulta, mas também em outras épocas e sociedades é o infanticídio. A violência contra as crianças não era algo de fora ou de longe, mas acontecia em tempos medievais, principalmente nos espaços privados das casas e das famílias. As pessoas mais próximas eram as que submetiam as crianças à violência e até à morte. Havia casos de amas de leite⁴⁰ que, ao não receberem os pagamentos, se desfaziam dos bebês.

Registro de mortes por sufocamento entre os pais em camas compartilhadas eram frequentes como conselhos para que as crianças dormissem nos seus berços até os três anos. O sufocamento de crianças pelos pais e mães que dormiam juntos, é uma forma usual de mata-las, como querendo fazer parecer acidental. Crianças eram um peso, uma boca a mais para alimentar. A própria bíblia aborda a história de duas mulheres, onde ambas tiveram um filho, mas devido ao uso da cama compartilhada, uma delas rolou para cima do bebê, o levando a morte.⁴¹

Outro exemplo que temos é o da ama de leite:

Amas eram autorizadas pelas mães a matarem os filhos com práticas terríveis, como misturar gesso ao leite, expor a criança ao frio após banhos quentes, deixa-las dias sem comer e depois enchê-las de alimentos, afogamentos, quedas propositais, abandoná-las para serem devoradas por animais ou dar-lhes veneno.⁴²

Há diversos contextos em que as crianças estão introduzidas, muitas vezes filhos de mães que passaram por questões difíceis, onde o extremo era visto, crianças abandonadas em lares, sem receber visita, vistas como motivo de desgraça perante seus entes. Muitos desses casos acontecem para as mães poderem curtir a vida.

Também observei que algumas mães dopavam seus filhos pequenos com pequenas doses de bebidas alcoólicas, correndo risco iminente de gerar nova criança a ser rejeitada. Quando tais crianças chegavam ao lar, já estavam subnutridas e em precário estado de saúde. Em muitos casos, as situações

⁴⁰ Amas de leite eram mulheres que amamentavam as crianças retiradas das Rodas dos Expostos enquanto as conduziam para uma família que as adotasse, ao menos temporariamente. Veja mais informações em: SCHACH, Vanderlei A. In: Revista Batista Pioneira: Bíblia, teologia, prática. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira. v. 04, n. 01, 2015, p. 77-79.

⁴¹ Bíblia Sagrada. Nova Versão Internacional, 1 Reis 3:19

⁴² MAGALHÃES, Silvana Bezerra. Infâncias roubadas: o ser criança como desafio para o reino. Rio de Janeiro, 2016.p. 34

vividas na infância trouxeram sequelas irreversíveis, que, além de prejudicar a vida da criança, dificultam a adoção.⁴³

Sem sombra de dúvida, a violência infantil, seja física, psicológica, sexual ou qualquer forma de negligência, é a que mais nos choca. Há muitos pais que punem os filhos de forma tão agressiva que os maus tratos resultam em lesões corporais com sequelas irreversíveis, incluindo as psicológicas e, em situações extremas, a morte. A bíblia orienta de forma clara “Não queira a morte de seu filho” (Pv 19.18). Entende-se que os pais devem disciplinar os seus filhos, mas nunca ao ponto de prejudica-los. Dentre os gatilhos que acionam as reações violentas podemos citar o estresse diário, os transtornos mentais dos agressores, o uso de álcool e drogas, separações do casal, a forma de educação recebida no passado ou, até mesmo, o desconhecimento dos pais sobre o que configura abuso.

Há genitores que não conseguem lidar com os próprios problemas e transforma esta tensão interna em comportamentos violentos direcionados aos filhos fazendo-os sentir culpa e medo por parte daqueles que deveriam oferecer amor, afeto e segurança. Nem toda criança supera os traumas, o que provoca danos psicológicos como insegurança, baixa autoestima, ansiedade e quadros depressivos.

Algumas marcas são indelévels. A violência desencadeia sentimento de rejeição na criança que, dentre outras consequências, pode leva-la a sempre buscar no outro o reconhecimento de suas qualidades, submetendo-se aos desejos deste outro – nunca aos próprios- por receio de não ser amada.

2.2.7 Violência intrafamiliar

No Brasil, atualmente, a violência exercida por pais ou responsáveis contra suas crianças e adolescentes é considerada pelo Ministério da Saúde como um problema de saúde pública de tamanha expressividade que a Política Nacional de Redução da Mortalidade por Acidentes e Violências deste Ministério determina como devem ser tratadas e notificadas as ocorrências deste fenômeno, endossando as preocupações daqueles que, em função das atividades que exercem, deparam-se cotidianamente com seus efeitos e consequências.

No passado as crianças negras tinham uma realidade ainda mais destoante, com vários registros de suicídios infantis durante o período em que a escravidão perdurou. Em determinados

⁴³ SCHACH, 2016. p. 151

momentos as Senhoras consideradas da classe alta abandonavam os filhos das escravas nas rodas para posteriormente alugarem as mães como amas e lucrarem.⁴⁴

Existem relatos de alguns acidentes que aconteciam com crianças (alguns registrados em dias de domingo ou em horários da madrugada, denunciando a carga horária desumana de doze a quatorze horas diárias, sem folgas): esmagamento das mãos, amputação de pernas e braços, fraturas cranianas acompanhadas de mortes são as mais comuns.⁴⁵

Entre os relatos citados anteriormente, nota-se também casos em que mães, em falta de responsabilidade e até mesmo psicológico para cuidar das necessidades de seu filho, cava um buraco ao fundo de sua casa a fim de conseguir aproveitar sua vida e trabalhar, para quando voltar o retirar da sua situação.

Quando pensamos em violência doméstica, logo imaginamos pais batendo nos filhos. Mas esse tipo de violência infantil pode ser física, psicológica, sexual e manifestar-se por negligência, como: deixar a criança em casa sem vigilância, negligenciar cuidados médicos e alimentação adequada, exposição do menor a situações que gerem perigo à vida ou à saúde, utilização da criança para realização de trabalho.⁴⁶

Há um universo inteiro de formas como a violência pode se dar, como a síndrome de Munchausen por procuração (quando um dos pais simula sintomas de doenças inexistentes no filho), intoxicações, envenenamentos, violência virtual e até o extremo filicídio (quando a criança é morta por um dos pais).

2.2.8 Violência extrafamiliar

Por outro lado, a violência extrafamiliar é aquela que acontece fora de casa e engloba as violências institucional, quando é praticada por alguém que tenha a guarda temporária da criança, como em uma escola, social, comum em países com grande desigualdade social.

O Bullying é a violência infantil que ocorre com maior frequência entre colegas de escola. Ele é caracterizado pela agressão, dominação e prepotência entre pares (crianças ou jovens). Colocar apelidos, humilhar, discriminar, bater, roubar, aterrorizar, excluir e divulgar comentários maldosos são alguns exemplos.

⁴⁴ MAGALHÃES, 2016.p. 34

⁴⁵ MAGALHÃES, 2016.p. 40

⁴⁶ SCHACH, 2016. p. 151

Dentro da linha da violência infantil ainda se encontram relatos de crianças associados às superstições e bruxarias. Na atualidade, trajetórias infantis foram marcadas por uma religiosidade desvirtuada, referindo-se às chamadas “crianças bruxas”. Crianças mortas ou abandonadas a própria sorte.

As crianças são acusadas de bruxaria, segundo costumes e tradições milenares, e acusadas de fazerem o mal para suas próprias famílias e aldeias. Em muitos lugares, como em certas aldeias da Nigéria, acredita-se que algumas crianças poderiam estar “possessas” por espíritos e não seriam mais crianças, e sim bruxas. Essas crianças “portadoras do mal” trariam todos os tipos de desgraças e má sorte, os problemas de saúde, miséria e outros. Devido a isso, muitas crianças são abandonadas a sua própria sorte. (infâncias roubadas pg 47)⁴⁷

O corpo possui uma das principais áreas em que o abuso foi perpetrado, e em geral é muito árduo relacionar-se com seu corpo após a violência, e assumir um pouco de controle sobre ele. Muitas vítimas trabalham arduamente para evitar qualquer sensação de ligação com o corpo, de maneira que se nota uma grande resistência.

Elie Wiesel capta para nós a necessidade de se livrar do corpo quando o trauma é contínuo: “eu colocava mecanicamente um pé diante do outro. Eu estava arrastando comigo esse esqueleto de corpo que pesava tanto. Se ao menos eu pudesse ter-me livrado dele. Apesar de meus esforços para não pensar nele, eu podia me sentir como duas entidades-meu corpo e eu. Eu odiava isso.”⁴⁸

Diversas vezes o controle do estado corporal quanto emocional foram severamente destruídos na vítima. Um grande número de sobreviventes está profundamente desconectado do seu corpo e por isso não é capaz de monitorar estados físicos e emocionais, levando diversas vezes a automutilação ou bulimia.

O abuso vai muito além de um contato físico ou emocional. Os números de relatos de abuso apontaram para as consequências na vida de uma criança. Desta forma, gera traumas psicológicos muitas vezes irreversíveis, afetando futuros relacionamentos.

⁴⁷ MAGALHÃES, Silvana B, C. **Infâncias Roubadas**: o ser criança como desafio para o Reino

⁴⁸ FITZPATRICK, Elise. **Mulheres ajudando mulheres**: um guia bíblico para os principais problemas enfrentados pelas mulheres. Rio de Janeiro: Casas publicadora das assembleia de Deus, 2002. 593 p.

III – CONSEQUÊNCIA DO ABUSO

O trauma do abuso sexual na infância causa efeitos de longo alcance na vida de um adulto. O abuso na vida de uma criança em desenvolvimento tem consequências que são ainda mais profundas, dado o fato de que a experiência é desdobrada ao longo do seu desenvolvimento. O trauma em sua exatidão molda cada faceta do organismo. A criança sentirá o impacto do trauma fisiológica, afetiva, cognitiva e espiritualmente.⁴⁹

O trauma abrange um medo intenso gerando desamparo, perda de controle e ameaça de aniquilamento, tudo isso gera no indivíduo o sentimento de impotência, rejeição e dificuldades relacionais. Devido a estes fatos, neste capítulo serão abordadas as consequências do abuso na vida de uma criança e também na vida adulta.

3.1 A Perca da identidade

Uma das consequências de grande destaque em meio ao abuso sexual é a perca de identidade do indivíduo. Para entender-se mais, é preciso entender o significado de identidade. Exista a identidade ontológica, psicológica, genética, sexual, relacional e social. O ser humano é um complexo extraordinário que o constitui como pessoa humana. As diversas identidades da pessoa humana (genética, ontológica, psicológica, metafísica) encontram-se na pessoa e estão inextricavelmente entrelaçadas.⁵⁰

A identidade do ser não é simplesmente representativa, seu conceito é elaborado a partir de contribuições genéticas, sociológicas, filosóficas e teológicas. A identidade, entretanto, não é estática, ela evolui de acordo com as modificações que o ser humano, desde seu nascimento e infância, passa para atingir uma identidade adulta. A falta de integração de todas as partes desse eu (masculino/feminino, bom/mau, superego admirado/superego desprezado) conseqüentemente cria um falso eu. A identidade um conceito mutável e dinâmico, atravessa diversas fases de reestruturação em coincidência com alguns períodos da vida do indivíduo, que podem ser críticos e que exige reestruturação da identidade.² A identidade é um dos aspectos mais importantes de um indivíduo. Cada pessoa desenvolve a sua. Possuímos características distintas, as quais nos diferenciam dos outros e estão relacionadas à nossa história de vida

⁴⁹ LANGBERG. P.134

⁵⁰ GOOT, p.86

peçoal. Na identidade de pessoa, há aquilo que é o ser, a essência, que permanece, e a história que é dinâmica e evolui.

O termo “indivíduo” surge no século XVII com representação a um atributo da indivisibilidade ou como a menor parte da sociedade. Na sociedade atual o momento em que o indivíduo entra em colapso usa o conceito de “identidade”, o homem é o centro e o fim de todas as coisas. Os direcionando ao egocentrismo.⁵¹ Sobre este assunto, Silvana Magalhães afirma:

O homem que ama apenas a si mesmo não odeia nada tanto quanto estar só consigo mesmo, Ele nada busca a não ser para si, ele de nada mais foge do que de si: porque quando se vê, ele não se vê a si mesmo como um monte de misérias inevitáveis e um vazio de bens reais e sólidos que ele é incapaz de preencher.⁵²

3.2 Violência e sexualidade duvidosa

Uma das consequências do abuso sexual na infância pode ser a homossexualidade, onde vemos várias crises através desse assunto, muitos pensam que os homossexuais nascem assim, não são feitos. Mas há diversos fatores que levem a isso, dentro deles o assunto deste estudo, o abuso sexual

Vale ressaltar que não há exames⁵³ que oferecem evidências do fator genético no homossexualismo, mas grandes fatos pessoais vividos que influenciam no caminho a se seguir. A falta esperança gerando uma falsa sensação de realização, em festas, balada, drogas para ofuscar a dor consequente de quem passa pelo abuso.

A sede por ser notado e suprido a carência de uma marca que o abuso causa, gera marcas na sexualidade. A alma busca por algo que esconda a dor, indivíduos começam a se atrair por aquele que o abusou, gerando ainda mais culpa, mas aliviando no companheiro a solidão.

São três os principais aspectos a serem examinados para compreender quais podem ser as consequências do abuso sexual infantil na vida adulta, sendo eles o perfil do agressor e a dinâmica em que a criança estava envolvida, que viabilizou a prática criminosa. Apresenta duas situações principais em que pode ocorrer o crime, sendo uma intrafamiliar, cujo cenário é a

⁵¹ MAGALHÃES, p. 133

⁵² SCHACH, p. 57

⁵³ FERRON, p.20

residência da criança ou ambientes familiares, sendo locais frequentados por pessoas com quem o menor possui algum grau de parentesco ou vínculo de proximidade, afeto ou de cuidado; e outra extrafamiliar, que envolve pessoas que estão fora do convívio familiar, mas que, no entanto, podem ou não possuir alguma proximidade com a criança.

O agressor estabelece uma relação de confiança com o menor, após, dá início as interações de cunho sexual, que podem envolver vários tipos de contato, desde carícias até o ato sexual em si, caso o menor identifique que está sofrendo abuso sexual, o agressor tende a utilizar de artimanhas o calar, tal como proferir ameaças contra a vítima; em regra, o abusado teme que as ameaças se concretizem e costuma se manter em silêncio; quando há a revelação da situação, esta geralmente ocorre de forma acidental e leva muitos anos para acontecer; ocorrendo a revelação, o menor pode se sentir compelido a se retratar por se sentir pressionado pela família, abusador ou até pelos órgãos de proteção . É importante ressaltar acerca da gravidade dos danos psicológicos do abuso sexual infantil à saúde mental do indivíduo, que podem, inclusive, perdurar por anos ou pela vida toda.

Ao analisar-se os efeitos negativos à saúde mental de indivíduos entre dezoito e trinta anos, que haviam sido vítimas de abuso sexual de menor, os autores verificaram a presença marcante de muitas adversidades psicológicas nesse grupo estudado, tais como depressão, ansiedade, tendência suicida, abuso e dependência de substâncias, bem como problemas no bem-estar psicológico e nos comportamentos sexuais. Como consequência, o indivíduo pode desenvolver problemas familiares e sociais, bem como pode acabar carecendo de suporte médico e psicológico constante e por muito tempo, o que significa altos custos para as instituições de saúde, assistência social, e, inclusive para o Judiciário. Assim, o abuso sexual de menor é bem complexo, mormente por envolver uma criança, pois está pode não ter capacidade física, tampouco cognitiva, para identificar o ocorrido ou se defender; bem como porque se trata de crime potencialmente capaz de prejudicar a saúde mental do menor, uma vez que desperta a sensação de traição e de impotência, o que tem visivelmente caráter traumático. Como já visto anteriormente, no capítulo 1, estas são consequências de uma pessoa em formação e que sobre violência sexual.

3.3 Traumas

Ao procurarmos no dicionário a palavra trauma vemos a seguinte definição: Experiência emocional intensamente desagradável que pode causar distúrbios psíquicos, deixando uma marca duradoura na mente do indivíduo: trauma psicológico (dicionário Aurélio)

Muitos homens e mulheres que sofreram abuso passam pelo que é conhecido como o Distúrbio de Estresse Pós-Traumático (DEPT), sendo ele um estado caracterizado por diversos critérios as vítimas de DEPT estiveram expostas a um evento traumático que implicava o fato de a ameaça de morte ou ferimento mediante qualquer experiência, seja de pânico, horror ou impotência. Através de gatilhos gera-se em diversos casos ansiedade, depressão com qualquer caso que seja semelhante ao ocorrido. Muitas das vítimas passam pelo que chamamos de desligamento de sentimentos, onde há falta de sentimento em outros e evita-se o contato. Dentro do quadro da ansiedade passa-se por sintomas extremos como: insônia, irritabilidade, explosões de raiva e dificuldade de concentração.

O Abuso sexual por sua vez causa feridas profundas, ao ser analisado o mesmo pode trazer danos a alma, gerando intensificação, fazendo com que os efeitos pareçam maiores e mais assustadores.

Os danos causados pelo abuso podem ser descritos através da impotência, traição e outros sintomas. ⁵⁴alguns estudos apresentam resultados que confirmam existir uma forte relação entre ter sofrido abuso na infância e transtornos de conduta na adolescência e na vida adulta. Alguns transtornos são classificados como transtorno de identidade de gênero. e outras. Hiperatividade ou retraimento; baixa autoestima; dificuldade de relacionamento com outras crianças ou com adultos, acompanhada de reações de medo, fobia ou vergonha; culpa, depressão, ansiedade e outros transtornos afetivos; distorção da imagem corporal; enurese e/ou eco prese; amadurecimento sexual precoce, ou masturbação compulsiva; gravidez e tentativas de suicídio tão associadas à violência sexual. ⁵⁵

Quando o abuso vem acompanhado de violência física, as consequências de curto prazo tendem a ser mais traumáticas, com ansiedade, depressão e distúrbios do sono.

De maneira evidente, a exposição ao abuso sexual na infância está associada a prejuízos em longo prazo, exibindo fator de risco para o desencadeamento de diversas alterações de ordem

⁵⁴ CRABB, p.138

⁵⁵ LANGBERG, p.169

psicológica e funcional, entre as quais depressão, ideias suicidas, ansiedade e transtorno do estresse pós-traumático. Através de uma pesquisa realizada, as repercussões devastadoras foram mostradas ao se avaliar a capacidade de resiliência e auto perdão em mulheres sobreviventes de abuso sexual na infância, que apresentaram níveis de desesperança, capacidade para o auto perdão inferiores e níveis mais elevados de sintomas de estresse pós-traumático, quando comparados a outras mulheres que apresentaram as mesmas dificuldades, mas que não foram abusadas sexualmente na infância. São alterações que variam em tempo e intensidade, afetam o referencial de vida de meninas vitimadas e resultam em grandes sofrimentos emocionais

Após a interpretação, os resultados foram agrupados nas categorias: Convivência familiar após a revelação do abuso sexual; A vida cotidiana de meninas em vivência de abuso sexual; e Repercussões do abuso sexual na vida adulta de mulheres abusadas sexualmente na infância. As repercussões do abuso sexual foram descritas como dificuldades no convívio familiar, gravidez, conduta hipersexualizada, prostituição, contradição entre gênero e sexo, dificuldades para ter orgasmo, uso de drogas, baixa autoestima, depressão, comportamento autodestrutivo, ideias suicidas e homicidas.⁵⁶

Pesquisadores apontam que o maior trauma ocorre quando a criança tem um relacionamento próximo com o abusador, nesse caso o abuso é prolongado.

“o pedófilo pode ser qualquer pessoa - homens ou mulheres, adulto ou crianças mais velhas. Pode ser um dos pais, um parente, um vizinho, um amigo de família, um professor ou um médico. Em muitos aspectos, abusadores sexuais de crianças são pessoas comuns que a criança encontra em sua vida cotidiana”.

No caso de abuso sexual praticado pela família, além de ser maioria, são mais delicados e difíceis de serem descobertos, pelo fato de ser o abusador uma pessoa querida, o que torna mais confuso, na cabeça da criança ou do adolescente, perceber que o que acontece é uma violência, que aquele comportamento foge à normalidade. Há registros de casos de abuso, que o pai alegava com as carícias, que estava "ensinando" à criança o que era o sexo, considerando isso era como algo normal⁵⁷

Uma mãe pediu a sua filha fosse jogar beisebol com seu pai, tios e primos. Como não estava disposta a ouvir mais os constantes resmungos de sua mãe, a garota de quatorze anos saiu para jogar. A mãe também lhe disse que tirasse

⁵⁶ SCHEL B. p.24

⁵⁷ SEARS. p. 57

a blusa para não sujá-la. Mais uma vez, a chatice da mãe funcionou, e garota tirou a blusa. Não foi surpresa alguma que, após o jogo, tanto seu primo quanto seu pai abusaram dela sexualmente. Neste caso está claro que sua mãe armou a situação e deu permissão a outros membros da família para que abusassem de sua filha.⁵⁸

Nota-se, portanto, que o abuso exerce um profundo impacto em como pensamos e funcionamos nos relacionamentos, afeta os relacionamentos nas áreas de confiança, limites e controles.

Eu me relacionava com outros pela lente do abuso. Eu não confiava muito em ninguém. Mas eu também fazia o oposto. Eu confiava demais nas pessoas, dependendo delas como se fossem Deus. Eu não tinha limites saudáveis nem expectativas realistas. Criei um parâmetro de tudo ou nada para todo mundo: ou você seria como Deus, ou eu não teria mais nada a ver com você. (no liminar da esperança 146)

Os efeitos podem tomar proporções diferentes de acordo com o tempo em que a vítima foi abusada, que idade a vítima tinha quando o abuso começou, se o abusador é alguém da própria família e o quão invasiva foi a agressão. Certamente quanto mais próximo for o abusador, sua diferença de idade com a vítima e quanto tempo durou o abuso, tanto maior será o estrago. Deve-se ressaltar que cada pessoa reage ao abuso sofrido de uma forma diferente. Os efeitos e sequelas variam de pessoa para pessoa

⁵⁸ LANGBERG, p.169

IV – ACONSELHAMENTO DAS VÍTIMAS

Neste capítulo será abordado uma das partes mais importantes desta pesquisa, que é ajudar as vítimas através do aconselhamento, que consiste em Auxílio espiritual e aconselhamento

4.1 Auxílio espiritual

Há grandes chances de haver alguma dificuldade em aconselhar vítimas de abuso e seus agressores, visto que conselheiros com grande caminhada espiritual podem ficar chocados e enjoados ao verem tamanha dor sofrida. Pode-se argumentar que em lugar nenhum da bíblia sanciona ou aprova a violência contra crianças, cônjuges, idosos, ou abusos de natureza sexual. Ao contrário, ela procura enfatizar, principalmente no Novo Testamento, é o comportamento não violento.

Jesus censurou não só o homicida, mas também todo aquele que dá lugar a sentimentos de ira em relação a outra pessoa. Em colossenses, os maridos são exortados a amar suas mulheres e não serem rudes com elas. Os pais são instruídos a não irritar os filhos. Não há lugar para violência entre os crentes.⁵⁹

4.1.1 Como identificar

Observa-se uma grande necessidade para orientações práticas para identificar e encaminhar situações de abuso sexual e de erotização precoce de crianças e adolescentes, tendo em foco evitar o abuso sexual.

Uma característica marcante dos abusos sexuais contra crianças é sua ocorrência em âmbitos familiares. Em sua maioria, praticados por alguém conhecido da vítima ou de sua família como: pai, padrasto, tio, amigo do pai, cunhado ou professor. Embora o homem seja o autor da

⁵⁹ COLLINS, Garry R. Aconselhamento cristão: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004, p.348

violência sexual na maioria dos casos, é preocupante a crescente participação de mulheres em abusos contra crianças e adolescentes. Muitas vezes a família desconhece o abuso. Amigos ou vizinhos podem praticar a violência sem gerar nenhuma desconfiança.

Ao lavar as roupas do filho, a mãe percebeu uma marca diferente na parte detrás da cueca. Analisando melhor, identificou que era esperma. Descobriu que o filho de 8 anos de idade era abusado pelos amigos de rua, adolescentes de 14 a 16 anos de idade, com quem convivia sem nenhum acompanhamento, e com a sua anuência.⁶⁰

O primeiro sinal é uma possível mudança no padrão de comportamento da criança, como alterações de humor entre retraimento e extroversão, agressividade repentina, vergonha excessiva, medo ou pânico. Essa alteração costuma ocorrer de maneira imediata e inesperada. Em algumas situações a mudança de comportamento é em relação a uma pessoa ou a uma atividade.

É importante observar as características de relacionamento social da criança. Se o jovem voltar a ter comportamentos infantis, os quais já abandonou anteriormente, é um indicativo de que algo esteja errado. A criança e ao adolescente sempre avisam, mas na maioria das vezes não de forma verbal

Para manter a vítima em silêncio, o abusador costuma fazer ameaças de violência física e mental, além de chantagens. É normal também que usem presentes, dinheiro ou outro tipo de material para construir uma boa relação com a vítima. É essencial explicar à criança que nenhum adulto ou criança mais velha deve manter segredos com ela que não possam ser compartilhados com pessoas de confiança, como o pai e a mãe, por exemplo. Uma criança vítima de violência, abuso ou exploração também apresenta alterações de hábito repentinas. O sono, falta de concentração, aparência descuidada, entre outros, são indicativos de que algo está errado. Crianças que apresentam um interesse por questões sexuais ou que façam brincadeiras de cunho sexual e usam palavras ou desenhos que se referem às partes íntimas podem estar indicando uma situação de abuso. Os vestígios mais óbvios de violência sexual em menores de idade são questões físicas como marcas de agressão, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. Essas são as principais manifestações que podem ser usadas como provas à Justiça.

⁶⁰ SCHELB, Guilherme. Conflitos e violência na escola: guia legal e prático para professores e famílias. Brasília: Inove gráfica e editora, 2015, p. 32

Unidas aos traumatismos físicos, enfermidades psicossomáticas também podem ser sinais de abuso. São problemas de saúde, sem aparente causa clínica, como dor de cabeça, erupções na pele, vômitos e dificuldades digestivas, que na realidade têm fundo psicológico e emocional. Muitas vezes, o abuso sexual vem acompanhado de outros tipos de maus tratos que a vítima sofre em casa, como a negligência. Uma criança que passa horas sem supervisão ou que não tem o apoio emocional da família estará em situação de maior vulnerabilidade. Observar queda injustificada na frequência escolar ou baixo rendimento causado por dificuldade de concentração e aprendizagem. Outro ponto a estar atento é a pouca participação em atividades escolares e a tendência de isolamento social.

Quando uma determinada criança chega para buscar ajuda é necessário manter a calma, mesmo que a criança em questão seja filho, é essencial para a recuperação da criança, a partir do momento que a criança se abre para o acontecimento, não se faz necessário sugestões do que aconteceu, apenas acreditar no que a criança diz, dando a ela o senso de confiança.⁶¹

O abuso sexual atinge profundamente a área espiritual. Abala o cerne das convicções sobre Deus e sua lealdade.

“Como criança fui traída, abandonada e sofria abuso sexual. Concluí que Deus era indigno de confiança, e que Ele também não era confiável e abusivo. Como poderia eu saber algo diferente? Tudo fazia sentido. Tudo se encaixava”⁶²

Os sobreviventes⁶³ lutam para entender como conjugar a compreensão de Deus com o abuso que sofreram na mão de outro ser humano. Cada pessoa foi ensinada que Deus é amor, um refúgio, a verdade e a santidade, mas o que elas experimentaram na mão das pessoas que lhes ensinaram essas coisas foi dor, traição, mentiras e maldade.

Na bíblia em Mateus 18.6-7 Jesus faz uma declaração sobre as crianças:

“Mas todo aquele que causa a queda de um desses pequenos que crê em mim, é preferível para ele que lhe pendurem ao pescoço uma grande mó e o precipitem no abismo do mar. Desgraçado do mundo que causa tantas quedas! Decerto, é necessário que haja escândalos; mas ai do homem por quem acontecem a queda”.⁶⁴

⁶¹ CARVALHO, Esly. Família em crise: enfrentando problemas no lar cristão. São Paulo, ABU, 2002, p. 55

⁶² LANGBERG, Diane M. No liminar da esperança: Abrindo portas para a cura de vítimas de abuso sexual. Curitiba, Evangélica Esperança, 2002, p. 153

⁶³ A autora Diane Langberg usa o termo “sobrevivente” para vítimas do abuso sexual, mas informações em seu livro “No liminar da esperança”

⁶⁴ Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional

Jesus conhecia o estrago e a confusão causados por qualquer pessoa cuja vida serve como pedra de tropeço para outros.

4.1.2 Formas de proteção

Diante do crescente número de abusos constatados em quase todo mundo, é imprescindível que pais e responsáveis por crianças tenham o máximo de cuidado para que as mesmas não tenham seus direitos violados. Para que a proteção às crianças seja efetiva, existem alguns canais de proteção:

Conselho tutelar: Serviços e programas públicos governamentais e não governamentais que fazem com que os direitos previstos em lei se tornem realidade, é responsável pela defesa legal dos direitos das crianças e dos adolescentes e pela responsabilização daqueles que não os cumprem.

Disque 100: O Disque Direitos Humanos - Disque 100 é um serviço disseminação de informações sobre direitos de grupos vulneráveis e de denúncias de violações de direitos humanos.

O serviço pode ser considerado como “pronto socorro” dos direitos humanos e atende graves situações de violações que acabaram de ocorrer ou que ainda estão em curso, acionando os órgãos competentes e possibilitando o flagrante

Disque 180: O Ligue 180 é um serviço de utilidade pública essencial para o enfrentamento à violência contra a mulher. Além de receber denúncias de violações contra as mulheres, a central encaminha o conteúdo dos relatos aos órgãos competentes e monitora o andamento dos processos.

O serviço também tem a atribuição de orientar mulheres em situação de violência, direcionando-as para os serviços especializados da rede de atendimento. No Ligue 180, ainda é possível se informar sobre os direitos da mulher, a legislação vigente sobre o tema e a rede de atendimento e acolhimento de mulheres em situação de vulnerabilidade.

Safernet Brasil: A SaferNet é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que reúne cientistas da computação, professores, pesquisadores e bacharéis em direito com a missão de defender e promover os direitos humanos na Internet

4.2. Formas de aconselhamento

Apesar das singularidades, a recuperação dos traumas provocados pelos abusos pode ser considerada como um processo com quatro estágios, conforme explica Collins:

O primeiro estágio é o do impacto, que dura desde algumas horas até vários dias e se caracteriza por choque, descrença, ansiedade e medo. Neste estágio os conselheiros podem dar apoio, orientar a vítima nas decisões que precisam ser tomadas.

O Segundo estágio é o da negação. Para conseguir lidar com o estresse, a vítima tenta então esquecer o trauma do abuso e retomar as atividades que tinha antes, neste momento a pessoa precisa se sentir segura, organizada e no controle da situação.

Já o terceiro estágio é o do processo, que começa quando a experiência da agressão não pode mais ser reprimida. Geralmente, alguma crise ou aborrecimento desencadeia velhos sentimentos e a vítima se vê inundada por ansiedade, depressão, pesadelos, lembranças e pensamentos constantes sobre o ataque que sofreu, nesse momento a vítima precisa falar, expressar os sentimentos, lutar contra sentimento de culpa e raiva e sentir o apoio do conselheiro.

O estágio final é o da integração, quando então o indivíduo começa a sentir que não é mais controlado ou dominado pelos efeitos do abuso sexual. Estes passam a ser vistos como eventos dolorosos e importantes do passado, mas a pessoa já atingiu um nível mais alto de maturidade psicológica.⁶⁵

Um sobrevivente de abuso muitas vezes opta por uma de duas atitudes: ou ele se torna controlador e dominador, precisando mandar em tudo e em todos ao seu redor, ou então, se porta como “vítima” das circunstâncias e das pessoas em sua vida, assumindo uma postura passiva, nunca escolhendo para si mesmo e sempre cedendo aos desejos dos outros tentando agradá-los⁶⁶

Ao aconselhar a vítima de abuso, é necessário destacar que a mesma passou por períodos em que teve quebra de confiança, e sendo importante a restauração de relacionamentos, conforme explica Diane Langberg

⁶⁵ COLLINS, Garry R. Aconselhamento Cristão: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 354

⁶⁶ KORNFIELD, Débora. Vítima sobrevivente vencedor: apoio prático no caminho da cura. Curitiba: Esperança, 2012, p.175.

“A quebra de confiança afetou minha vida tão profunda e completamente que não penso que serei curado totalmente nessa área a não ser quando estiver no céu com Jesus. No entanto, estou crescendo e estou confiando mais. Na realidade, nunca pensei que seria capaz, de confiar tanto quanto confio agora. Portanto, quem sabe quanto ainda vou crescer?”⁶⁷

A base para o relacionamento que o sobrevivente irá necessitar é o amor, o medo que ela passou até o momento foi o sua base, ele põe na defensiva, o amor acolhe. O medo leva a se esconder, o amor procura. O medo silencia, o amor se expressa. A Chave principal para acolher, aconselhar e tratar a vítima do abuso é o amor.⁶⁸

O apóstolo João nos diz que “no amor não existe medo”; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ao aconselhar se aconselhar os francos, dá-lhes conselhos fortes, amorosos, bíblicos, e não apenas passando por cima dos problemas deles, dizendo-lhes “paz, paz”, sem mostrar-lhes como alcançar essa paz.

A vítima sempre deve ser ouvida em ambiente reservado e por um líder especialmente treinado para saber lidar com tais situações. Jamais deve ser expresso perante a vítima tristeza pelo abuso sofrido. Muitas vítimas sofrem um novo trauma quando percebem o sofrimento dos demais perante o abuso, sem desconfiar da vítima.⁶⁹

Muitas crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual ficam mais revoltadas com os pais ou com os professores que duvidam dela ou nada fazem ao saber do abuso, do que com o próprio autor da violência.⁷⁰

Em certo momento, ao longo do tratamento, surge inevitavelmente o assunto do perdão. O perdão constitui uma questão incredivelmente difícil. Em sua maioria, as vítimas acham a ideia do perdão ao violado, parece impossível, quando não ultrajante. Perdoar significa deixar de lado, absolver, remitir, desculpar. O perdão não é obtido com base na negação ou minimização, mas, na verdade. O perdão de Deus começou com a conta que devíamos. A cruz é decididamente o lugar do perdão. Também é o lugar de prestar contas.⁷¹

⁶⁷ No liminar da esperança pg 194.

⁶⁸ No liminar 197

⁶⁹ Livro do vandindo.

⁷⁰ Guilherme Schelb conflitos. Pg 48

⁷¹ Aconselhando vítimas pg. 199

Da mesma forma algo que pode ser levantado pela vítima é a vingança, olhando em uma perspectiva bíblica José tinha boas razões para se vingar, o que os irmãos de José fizeram foi mal, mas ele não viveu como uma vítima amarga e com raiva. Sabiamente, compreendeu que Deus havia vencido soberanamente o abuso de seus irmãos, fazendo a maldade tornar-se em bem. Para a vítima de abuso sexual, pode exigir algum tempo e alguma cura antes que ela possa entender como esse ensinamento se aplica a ela.

Deus sabe de todas as coisas que ocorrem, até mesmo o abuso. Ele esteve presente na escuridão e continua a caminhar conosco. Deus promete restituir. Durante o aconselhamento é muito importante tratar o ocorrido como algo não planejado por Deus, levando-os a perceber que Deus não estava feliz na hora do acontecimento.⁷²

Então, pode-se entender o quanto é importante que a Igreja aja em favor da restauração da vítima. A Igreja tem a possibilidade de quebrar um ciclo abusivo e transformá-lo, juntamente com a vítima, em uma vida restaurada. É também de muita importância citar rapidamente a situação na qual o abusador se encontra. Ele certamente é alguém que Deus deseja alcançar. Encontra-se em 1 Timóteo 2.4 “O qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.” É natural que haja em cada pessoa um sentimento de revolta contra aqueles que praticam atos violentos e abusivos contra outros, porém como cristãos, apesar da indignação, é preciso enxergar o próximo como um alvo do amor e da salvação de Cristo Jesus. Isso não isenta o cristão de denunciar o abusador, obviamente, mas de demonstrar a ele a compaixão e a justiça de Deus.

O acolhimento empático e aconselhamento de vítimas de abuso sexual certamente são necessários dentro das igrejas. a questão não pode ser pensada de maneira que ou o conselheiro cristão ou o profissional de psicologia seja a solução para as vítimas de abuso sexual, onde um anula o outro, mas que um pode complementar o outro. Não se exclui o trabalho dos profissionais de psicologia nesses casos, porém o foco é ensinar a importância da própria Igreja saber lidar com o assunto. Para um assunto tão complexo é necessário que haja líderes, pastores e obreiros capacitados a lidar com esses casos. Não é incomum ver pessoas que buscaram a ajuda de líderes religiosos para seus problemas pessoais e saíram mais feridos e machucados do que chegaram. Isso porque, na maioria das vezes, tais líderes não obtiveram a capacitação correta para o aconselhamento. A Igreja pode trazer grandes benefícios para quem está

⁷² Guia prático para o aconselhamento 40 tópicos pg.67

necessitando, por isso é importante que ela seja capacitada para aconselhar outros. Grande parte das pessoas que buscam ajuda na comunidade eclesial se frustra. O Corpo de Cristo deve ser equipado a fim de conduzir os corações a Cristo. É relevante citar que prevenção do abuso sexual por parte da Igreja é tão importante quanto a restauração. Isso porque prevenir que haja vítimas, obviamente reduz a demanda no número de pessoas feridas pela violência sexual. Para Collins é importante que a Igreja se envolva e promova programas educacionais de conscientização acerca do abuso sexual. Ele coloca que a probabilidade de ocorrer violência sexual diminui quando a vítima sabe como se proteger, onde denunciar e o que fazer se houver uma suspeita de abuso. A conscientização da Igreja em relação ao assunto é uma importante medida preventiva. A proposta para o papel da Igreja na restauração de vítimas de abuso sexual será dividida em duas partes, sendo a primeira o papel para todos os membros que a frequentam e a segunda, o papel do conselheiro cristão.⁷³

Diante de tantos efeitos negativos causados, é impossível pensar que a Igreja não tenha função nenhuma na restauração das vítimas de abuso. É impossível pensar que elas não se enquadram nas ordenanças de Jesus para amarmos o próximo (Mt 22.39). O apóstolo João (1Jo 3.18) diz: “Filhinhos, não amemos de palavra, nem de boca, mas em ação e em verdade.” É o chamado de Deus para a Igreja acolher e amparar o perdido e desorientado. Pode-se entender, através dos textos bíblicos citados a seguir, orientações de Deus a respeito de amar e cuidar do próximo. Em 1 Coríntios 12.12-26, a Bíblia expõe que aqueles que passam a viver suas vidas, conforme Cristo deseja, se tornam um só corpo, a saber, a Igreja. O texto não faz distinção entre os membros que parecem ser mais fracos ou mais fortes em um corpo, pelo contrário, afirma que todos têm grande importância e se um membro sofre, todos os outros passam a sofrer também. Então, a partir disso, pode-se entender que, quando uma parte da Igreja sofre, toda a Igreja deveria sentir a dor também e se mobilizar para dar suporte e cuidado à parte sofredora. Mesmo dentro do Corpo de Cristo, onde as pessoas deveriam ser acolhidas, existem indivíduos que têm sido esquecidos, negligenciados e menosprezados quando mais precisariam de ajuda. O propósito de Cristo quando veio ao mundo foi resgatar o que havia sido perdido (Lc 19.10), redimir a humanidade (Tt 2.13-14) e trazer a possibilidade de cada ser humano poder ter acesso a Deus novamente (Rm 5.10). Essa obra inclui restauração de espírito, corpo e alma também (1Ts 5.23).

⁷³ Collins 361

Enquanto houver almas feridas e machucadas elas serão alvo do amor e da obra redentora de Cristo e cada servo de Deus tem o compromisso então de levar restauração a elas. O outro texto refere-se a uma orientação de Deus para os israelitas, que é encontrado em Êxodo 25.8. Esta orientação seria para que eles construíssem um santuário terrestre, ou seja, um santuário para que Deus pudesse habitar no meio do povo. O Templo no Antigo Testamento era um lugar santo e também um lugar de refúgio para os oprimidos (Sl 15.1-4). Através do Novo Testamento, entende-se hoje que o templo de Deus são pessoas (1Co 6.19) e não lugares propriamente ditos. O templo de Deus, portanto, são aqueles que expressam sua fé em Cristo e vivem conforme Sua vontade. Certamente então, os cristãos devem buscar a santificação e procurar serem aqueles que promovem a paz e refúgio para os pobres e oprimidos. Entende-se então, que a Igreja deve ser um local acolhedor às vítimas de violência sexual. Afirma que os sentimentos que foram reprimidos ao longo do tempo, como o ódio, raiva e desespero, terão que vir à tona em algum momento. E estes, precisam ser colocados diante de Deus em oração. **Segundo**, “As vítimas de abuso precisam de um lugar acolhedor em que isso possa acontecer sem que sejam consideradas hereges ou rebeldes”. Muitos foram feridos por pessoas e a esperança de cura, igualmente deve acontecer através de pessoas. É necessária uma conscientização da Igreja em relação ao assunto para que ela esteja cada dia mais aberta a acolher as vítimas de abuso. ⁷⁴

⁷⁴ Coelho, p. 34

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo definir de forma clara e objetiva o que é abuso sexual, mostrar alguns dos efeitos emocionais, físicos e espirituais do abuso sexual, contra crianças. O papel da Igreja frente a esse problema e sua importância no processo de restauração das pessoas que sofreram a violência sexual. Confidencialidade em casos de aconselhamento à vítimas e agressores. O abuso sexual é destruidor e gera muitas marcas para quem sofreu e certamente também para quem o praticou contra outros. Os estudos e pesquisas podem dar uma boa noção dos efeitos causados por essa violência, mas somente quem sofreu pode compreender verdadeiramente o quanto ele é devastador. Uma criança exposta à convivência do abusador pode certamente gerar desgaste emocional e até mesmo doenças físicas.

A violência sexual atinge qualquer classe social, está presente nos mais variados níveis da sociedade e infelizmente não se pode eliminá-la facilmente e em um piscar de olhos. É preciso muita luta combatendo esse ato bárbaro, mesmo porque ele se perpetua no silêncio e através de muitos familiares.

O sentimento que permeia alguns que leem sobre isso é de impotência, ou seja, que não há nada que possa ser feito para impedir o abuso sexual de vez. Mas Jesus ensinou com sua própria vida que é possível amar e receber tantos quantos se achegarem necessitando de socorro divino. Ele não rejeitou um sequer que desejasse restauração em sua vida. Um cristão somente não pode salvar as vítimas de violência sexual ao redor do mundo inteiro, mas certamente pode acolher os poucos que vierem a ele, sendo assim, se cada um fizer sua parte milhares de vítimas podem ser restauradas e até mesmo prevenidas de sofrer o abuso algum dia. Afinal a prevenção é uma atitude eficaz no combate ao abuso sexual. A Igreja pode e deve fazer seu papel. Ela deve ser instrumento de libertação e graça, que acolhe os que estão ao seu redor. Pode-se promover um ambiente acolhedor, de apoio, amor e oração pela vítima.

Ouvem-se muitos casos de abuso sexual diariamente nas mídias, mas na maioria das vezes o interesse no assunto é pelo sensacionalismo. É um assunto que comove o público, mas precisa ser pensado e tratado também de forma racional e prática. A bibliografia sobre abuso sexual é ainda muito escassa no Brasil e principalmente se tratando de uma visão cristã atuando contra ele, então seria muito significativo e importante se outros pesquisadores se aprofundassem e publicassem sobre o assunto. Enriqueceria e ajudaria no trabalho da Igreja.

REFERÊNCIAS

ALLENDER, Dan B. **Lágrimas secretas**: Cura para as vítimas de abuso sexual na infância. Mundo Cristão, 1999

CARVALHO, Esly. **Família em crise**: enfrentando problemas no lar cristão. São Paulo: ABU Editora, 2002, 95 p.

COELHO, Ana Alice Teixeira de Lima. **Aconselhamento Pastoral em Casos de Abuso Sexual**. 2010. 114f. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão**: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004. 704 p.

FERRON, Juliana. **Cansei de ser gay**: na minha fraqueza ele me fez forte. Rio de Janeiro: Vida Cristã, 2016. 119 p.

FITZPATRICK, Elise. **Mulheres ajudando mulheres**: um guia bíblico para os principais problemas enfrentados pelas mulheres. Rio de Janeiro: Casas publicadora das assembleia de Deus, 2002. 593 p.

GRENZ, Stanley. **Traição da confiança**: Abuso sexual na igreja. São Paulo: United Press. 1997. 193 p.

KORNFELD, Débora. **Vítima sobrevivente vencedor**: apoio prático no caminho da cura. Curitiba: Esperança, 2012. 207 p.

LANGEBERG, Diana. **Abuso sexual**: aconselhando vítimas. Curitiba: Evangélica Esperança, 2002. 320p.

LANGEBERG, Diane. **Guia prático para o aconselhamento de mulheres**: 40 tópicos, insights espirituais e etapas de ação fáceis de usar. Curitiba: Esperança, 2012 .405 p.

LANGEBERG, Diane. **No liminar da esperança**: Abrindo as portas para a cura de vítimas de abuso sexual. Curitiba: Evangélica Esperança, 1999. 237p

MAGALHÃES, Silvana B, C. **Infâncias Roubadas**: o ser criança como desafio para o Reino. Rio de Janeiro: 2016. 185p.

SCHACH, Vanderlei. **Infância em perigo**: um caso real inspira a busca por soluções. São Paulo: Rádio Transmundo, 2016. 208 p.

SCHELBO, Guilherme. **Conflitos e violência na escola**: Guia legal e prático para professores e famílias. Brasília: Inove Gráfica e Editora, 2015. 56 p.

SCHELBO, Guilherme. **Educação Sexual para crianças**: Limites e desafios. Brasília: Kaco gráfica e editora, 2015. 44 p.

SOARES, Suzi. **Primeiro amor**: a história de um abuso. São Paulo: 2015. 174 p.

COELHO, Ana Alice Teixeira de Lima. Aconselhamento Pastoral em Casos de Abuso Sexual. 2010. 114f. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2/9/2010.

FRANK, Jan. **Uma porta de esperança**: Reconhecendo e resolvendo os problemas do seu passado. São Paulo: Candeia, 1994.

GONÇALVES, Alexandre. O papel da Igreja na prevenção da violência contra crianças e adolescentes. 2011. Disponível em <https://teologizar.wordpress.com/2011/08/02/o-papel-da-igreja-na-prevencao-da-violencia-contras-criancas-e-adolescentes/>

LANGBERG, Diane Mandt; CLINTON, Tim. **Guia prático para o aconselhamento de mulheres**. Tradução: Josiane Zanon Moreschi. Curitiba: Esperança, 2012.

LAASER, Mark R. **Curando as feridas do vício sexual**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2013.

AURÉLIO, Dicionário. Significado de abuso.

GOOT, Mary V. **Emoções saudáveis**: ajudando crianças a crescer. São Paulo: Presbiteriana, 1992, 155.p.

SEARS, William. **Crianças bem resolvidas**: o que os pais podem fazer para ajudar seus filhos a serem felizes. Rio de Janeiro: Campus, 2003